

HAROLDO DE CAMPOS, JOSÉ PAULO PAES E PAULO VIZIOLI FALAM SOBRE TRADUÇÃO

Thelma Médice Nóbrega (Pós-Graduação UNICAMP)

Giana M.G. Giani (Pós-Graduação UNICAMP)

Nesse momento em que a tradução vem ganhando espaço nos meios acadêmicos e uma preocupação crescente quanto a seu ensino e prática vem surgindo (evidenciada pelos cursos de graduação em tradução que se abriram, por exemplo, em cidades como São Paulo e Ouro Preto; pelo programa em Linguística Aplicada da Unicamp e pela própria oportunidade que a revista Trabalhos em Linguística Aplicada está oferecendo à área), julgamos importante examinar as diferentes concepções de tradução e sua prática entrevistando três dos maiores nomes nessa área do país: José Paulo Paes, Paulo Vizioli e Haroldo de Campos.

Assim, contrastando as visões desses tradutores sobre questões fundamentais como, por exemplo, teoria e prática, formação de tradutores, a qualidade das traduções feitas no Brasil e a situação do profissional hoje, é possível ter-se um panorama atual e amplo do assunto tratado aqui.

É relevante observar que entrevistamos José Paulo Paes (J.P.P.) e Paulo Vizioli (P.V.) oralmente, em um ambiente informal, enquanto o professor Haroldo de Campos (H.C.) nos concedeu suas respostas por escrito. Aproveitamos para agradecer a esses profissionais que com tão valiosos depoimentos e com sua boa vontade possibilitaram a concretização deste trabalho.

1- QUAL SUA CONCEPÇÃO DE TRADUÇÃO? E QUANTO À FIDELIDADE?

J.P.P. - Esta é uma pergunta que exigiria não só uma resposta mas todo um tratado. Em linhas gerais, é a busca de uma aproximação com o texto original, dentro daquela concepção de que a tradução não é equivalente ao texto original, mas um caminho até ele. Inclusive, é um pouco temerário usar a noção de equivalência, eu prefiro sempre a noção de aproximação, já que se trata de passar de um sistema linguístico para outro. Como esses sistemas são diferentes, não se pode, a rigor, falar de equivalência, mas sim em aproximação. É uma concepção mais humildemente pretensiosa. Tenho a impressão que o pecado capital do tradutor é a soberba e a virtude indispensável para ele é a humildade.

A fidelidade é também uma questão muito controversa para ser resumida

em poucas palavras, é a busca de uma aproximação maior do texto (a maior possível). A tradução, como a política, não é a arte do desejado, mas a arte do possível. O tradutor não faz o que quer, faz o que pode, conforme a dificuldade do texto, as circunstâncias, etc. A fidelidade equivale à especificidade da situação tradutória. Por isso, uma teoria da tradução é uma coisa muito difícil, porque a tradução é uma arte, e a arte aborrece as generalidades e adora as especificidades e as concretudes. A tradução é apenas um caminho para o texto original. A leitura de uma tradução não substitui a leitura do texto original. O ideal é que a gente soubesse todas as línguas do mundo para poder ler todos os textos em sua línguas originais. Como isso é impossível, então a gente faz o possível, que é o caminho da tradução. Não acho que ela seja inferior, mas diferente do texto original. É um outro texto. É como se você me perguntasse se um vestido azul é inferior a um vestido verde.

- É então como se fosse um texto novo, que é produzido a partir do original?

É novo dentro daquela língua, mas não é novo por ser uma versão, uma tradução de um texto pré-existente. Mas de qualquer modo, ele pode ser lido como um texto complementar do texto original. A ponto de você poder imaginar o texto não apenas como aquele escrito na língua original, mas como a soma do original mais todas as suas traduções. É como se você tivesse um raio de luz se dispersando por uma série de prismas. Cada uma das dispersões está ligada àquele raio de luz, sendo que esse é a somatória do raio original e mais todas suas dispersões. A Bíblia, por exemplo, é a soma das traduções, das interpretações existentes. Cada tradução é uma interpretação e as interpretações enriquecem a compreensão do texto.

P.V. - A fidelidade se coloca principalmente nas traduções técnicas. É preciso respeitar muito de perto o sentido das palavras. Quando se fala de tradução literária se pensa nos conceitos de tradução livre e tradução literária. Como T.S. Eliott dizia, não existe nenhum verso livre porque todo verso está preso a um esquema, a um padrão. Acho também que não existe tradução livre, toda tradução está presa a algum padrão. O que se chama de tradução literal seria a tradução que se prende muito ao padrão do sentido das palavras e perde com isso, às vezes, outros elementos que são importantes no texto literário. Os elementos sonoros, elementos ligados à imagem, etc. A respeito do conceito de fidelidade, acho que o tradutor, por exemplo o tradutor técnico, tem que ser fiel ao estrito sentido do que está ali. Se ele vai traduzir um documento legal, por exemplo, ele precisa tomar muito cuidado nisso, mas se o tradutor é um tradutor literário, então, ele vai recriar o texto, ele vai poder se permitir certas liberdades quanto ao sentido, isto é, ele vai poder fugir à fidelidade estrita no sentido do vocabulário. Ele estará preso a uma outra fidelidade, mais ampla, que é a fidelidade à expressão, à força da comunicação artística do texto.

- Explique melhor a que o tradutor seria fiel.

Fiel ao texto em si, como obra de literatura. Isso, eu estou falando da

tradução literária, que é a única tradução à qual tenho me dedicado. Em função desse elemento de fidelidade estrita ao vocabulário ou de uma liberdade maior quanto ao texto original, eu diria que há três tipos básicos de tradução literária:

A tradução que procura se ater ao sentido das palavras, desprezando completamente qualquer outro elemento. No caso da poesia, não se preocupa em reproduzir os ritmos, as qualidades sonoras e até mesmo o tom, ou seja, a qualidade tonal do original. Como diz o poeta americano Robert Frost, poesia é o que se perde na tradução. Realmente é o que acontece pois o tradutor fica preso às palavras, não traduz o poema e sim as palavras desse poema. Acho que esse tipo de tradução tem a sua finalidade porque é um tipo de tradução que pode ser usada em certos textos bilingües e tem uma função ancilar, do latim ancila, quer dizer, uma criada, um elemento que ajuda o leitor, assim o leitor, com algum conhecimento de uma língua estrangeira, vai ler o texto original e, para entendê-lo melhor, vai recorrer a essa tradução. Esse tipo de tradução é muito comum na Europa, por exemplo, Penguin Books tem uma coleção grande de textos: The Penguin Book of Russian Poetry, The Penguin Book of German Poetry, Italian Poetry, Spanish e assim por diante. Todos esses livros são assim: têm o texto original, o poema e a tradução em prosa ao pé da página. Esse tipo de tradução, na minha opinião, é menos que a tradução literária, pois é apenas a observância do sentido das palavras.

Nur outro extremo haveria a adaptação literária, que seria algo que procura transmitir ou recriar o texto de uma forma pretensiosa, ou talvez, mais ambiciosa. O tradutor (não sei se nesse caso merece ou deve ser chamado de tradutor) tem o desejo de recriar a obra como se o autor vivesse hoje, por exemplo, ele vai traduzir um autor do Renascimento que viveu na Áustria. Vamos supor, então, ele imagina esse autor vivendo em São Paulo, hoje em dia, e como ele reagiria a tudo. É possível. É um exercício de criação literária, de certa forma. Não se pode dizer que essa seja uma tradução inteiramente livre porque o tradutor tem que se prender a certos parâmetros, às características, à visão do mundo daquele autor e à situação em que o tradutor se encontra, tentando assim, fundir as duas coisas, surgindo um texto totalmente novo. Acho que esse processo de adaptação está muito ligado a um processo de criação literária que era freqüente na Idade Média e no Renascimento. Por exemplo, nas peças de Shakespeare, não há uma história que ele tenha criado, ele se servia de outras histórias, dava-lhes um tratamento diferente. Outro exemplo seria Chaucer, todas as histórias dele, com exceção de uma ou duas, são tiradas de outros autores. Essa questão de ser original não era tão importante, o que era importante era dar um tratamento retórico diferente ao texto. Foi com Ezra Pound, que traduziu Propércio, poeta latino, como se fosse um poeta de hoje em dia, que esse tipo de criação literária ficou mais popular. Na sua tradução, Propércio fala de presentear a amada com uma Frigidaire. Naquele tempo não havia geladeira, quer dizer, Ezra cria situações irônicas que, provavelmente, não passaram pela imaginação de Propércio. Eu acho que é um trabalho que tem muito valor. É quase que um poema novo, original. Os irmãos Campos, que são muito influenciados pelo Pound, tentaram, aqui no Brasil, fazer experiências ou expe-

rimentos nessa linha de tradução. Eles chamam esse processo de transliteração. O Haroldo de Campos fez um trabalho com trechos de Goethe que, se comparados e analisados por um especialista, ele vai dizer que não é Goethe mas é algo interessante.

Há um terceiro tipo de tradução com a qual eu, pessoalmente, mais me identifico. É a tradução literária como recriação, ou seja, o tradutor procura dar o sentido geral do texto mas, ao mesmo tempo, recriar as características sonoras do texto original na sua nova língua. Ele tenta transmitir aquele impacto emocional contido no texto original.

O primeiro tipo de tradução, como eu disse, é menos que a tradução literária; o segundo, talvez seja mais, já é a tentativa de criar independentemente enquanto que o terceiro é pura e simplesmente o conceito de recriação, é a tradução literária, no meu entender.

H.C. - Há mais de vinte e cinco anos venho expondo, em nível teórico, minhas concepções sobre o problema da tradução, em especial sobre a questão diferenciada da tradução de textos criativos, nos quais predomina a informação estética. Meu primeiro trabalho mais extenso a respeito foi apresentado em 1962, ao III Congresso Brasileiro de Crítica e História Literária ("Da Tradução como criação e como crítica"). Está publicado em meu livro Metalinguagem (São Paulo: Cultrix, 1976, 3a. ed.). Depois disso, publiquei muito sobre o assunto, no Brasil e no exterior. Ainda recentemente, no volume coletivo Semiótica da Literatura (Cadernos PUC-SP nº 28, EDUC, 1987), correspondente aos "Anais do II Congresso Brasileiro de Semiótica", realizado em 1985, foi estampado um ensaio meu bastante abrangente, "Da Transcrição: Poética e Semiótica da Operação Tradutora", que representa a summa do meu pensamento sobre a questão em pauta (trata-se da parte inicial de um livro meu, de mesmo título, a ser lançado em futuro próximo). Basicamente, ocupo-me da tradução criativa (recriação, transcrição, como prefiro dizer). Esta, idealmente, implica a reconfiguração no idioma de chegada da forma significativa do poema (obra de arte verbal) de origem. Todos os constituintes formais do plano da expressão (nível fônico e prosódico) e do plano do conteúdo (ou seja, o que Hjelmslev chamava "forma do conteúdo", a qual, a meu ver, inclui os problemas do que Ezra Pound entendia por "logopéia" e do que Roman Jakobson procurava enfocar na sua "poesia da gramática"), todos esses constituintes devem ser levados em conta e micrologicamente ponderados pelo tradutor-recriador ("transcriador"), para o fim de reconfigurá-los em sua língua, ainda que tenha de levá-la ao excesso e à desresura. A lei da compensação vige no caso: um efeito perdido aqui, pode ser ganho acolá, explorando-se as latências e possibilidades da língua do tradutor, que deve ser exposta ao impulso violento da língua estranha (como gostava de salientar W. Benjamin, citando R. Panwitz), ao invés de ser timoradamente preservada desse abalo transgressor. Quanto à fidelidade, já W. Benjamin (em seu fundamental ensaio de 1921, "Die Aufgabe des Uebersetzers"/ "A tarefa do tradutor") ressalta, como "característica da má tradução" (de poesia), a mera transmissão inexata de um conteúdo inessencial". Na "transcrição", ao invés de uma fidelidade pobre e equivo-

cada e um mero "conteúdo" ou "significado" de superfície, busca-se uma "hiperfidelidade", que aspira a dar conta não apenas desse "conteúdo" de comunicação (que lhe serve de bastidor ou pano de fundo), mas ainda da própria serantização das categorias sintáticas e morfológicas, da serantização de que também se iranta o nível fônico de um poema, como Jakobson costumava enfatizar, referindo-se à tradução de poesia, que ele só julgava possível em termos de creative transposition ("transposição criativa"). Só os "formulistas" (de "fórmula") e os "formolistas" (de "formol") têm medo da forma: mesmo porque, não há formas "vazias"; as formas são "significantes", irradiam "significância", são "históricas" (implicam uma questão sobre a "tradição" e a "transmissão da tradição" ao longo do eixo diacrônico; o que se chama cultura...). Ou como queria o jovem Marx (1842): "Mein Eigentum ist dis Form, sie ist meine geistige Individualitat. Le style cest l'homme. Und wie!" (Minha propriedade é a forma, ela é minha individualidade espiritual. O estilo é o homem. E como!")

2- COMO FOI QUE SE TORNOU TRADUTOR?

J.P.P. - Foi necessidade econômica em primeiro lugar, e gosto do ofício mais tarde. Eu tenho um poeminha que é um tipo de romance chamado de Romance de Formação cujo tema em geral é o aprendizado por parte do protagonista. Por exemplo, um Romance de Formação é o Ateneu de Raul Pompéia. E esse meu poeminha diz assim: "Antes bebia por desgosto/ Agora bebe por gosto". E a tradução é mais ou menos assim - no meu caso foi. É claro que estou brincando. Acontece que, como gosto de literatura, a literatura é a minha cachaca, a paixão da minha vida, eu sempre procurei aprender outras línguas para poder ter acesso a obras que não existem em português. Então, estudei inglês, francês, espanhol, italiano, mais tarde alemão e ultimamente grego. Mais tarde, por necessidade econômica, comecei a traduzir quando trabalhava numa editora. Depois eu me aposentei, gostei da coisa e hoje eu bebo por gosto. Já não bebo por desgosto.

P.V.- Eu não me tornei tradutor. Sou professor de Literatura Inglesa e Norte-Americana. Traduzo porque conheço um pouco de português e inglês, gosto de literatura e, às vezes, tenho vontade de transgredir aos outros aquilo que sinto quando leio o texto original.

Entendo muito pouco da parte teórica, não conheço livros de teoria da tradução, não sou especializado em lingüística, sou uma pessoa que se interessa por literatura e traduzo como consequência disso.

H.C. - Tudo o que fiz e faço decorre basicamente de minha condição de poeta. O ensaio, a reflexão teórica, mesmo as atividades docentes que venho desempenhando, desde 1971, no Brasil (PUC-SP) e ocasionalmente no exterior, são extensões da minha condição de poeta-crítico. A tradução criativa e, para mim, a primeira e a mais importante dessas derivações, mesmo porque, sendo irmã-gêmea da poesia, é a que mais

me permite entrar nos mecanismos de engendramento da obra de arte verbal. Como escrevi num estudo sobre a teoria tradutória de Octávio Paz ("Anais do 1º Seminário Latino-Americano de Literatura Comparada", UFRG, 1987), a tradução parece reconciliar, numa só operação (metafunção), duas das funções jakobsonianas da linguagem: a "metalingüística" e a "poética" (funções que, em termos estritos de lingüística, e descritas por outro ângulo, poderiam ser consideradas como "diametralmente opostas").

3- O QUE ACHA DO NÍVEL DAS TRADUÇÕES FEITAS NO BRASIL?

J.P.P. - Tem melhorado, felizmente, mas não tanto como seria de se desejar. Mas, por outro lado, é preciso ter muito cuidado ao se criticar uma tradução. Eu acho que as únicas pessoas qualificadas para criticar uma tradução são aquelas que as fazem, porque sabem o "trabalho que dá para fazer o vatapá". É muito fácil criticar uma tradução, quem o faz está numa posição muito cômoda. O problema é saber fazer essa crítica. Criticar uma tradução não basta, é preciso apresentar uma alternativa. Esse foi, aliás, o critério que usei na "Oficina de Tradução" (curso oferecido por José Paulo Paes, como professor visitante, a alunos e professores da UNICAMP). Não me limitei a criticar as traduções, mas propus, conforme fosse o caso, soluções alternativas - não como normas que deveriam ser seguidas, mas como exemplos de que era possível resolver aqueles problemas, que aquela era uma solução possível. Como eu tinha achado essa solução, então eles poderiam achar soluções até melhores.

Traduzir é um trabalho penoso. Criticar uma tradução alheia é um trabalho ainda mais penoso, porque é preciso se colocar no lugar do outro tradutor para verificar se ele cometeu um erro, um desliz, uma traição, ou se se trata apenas de uma opção estilística da pessoa. Esse equilíbrio é muito difícil. A fronteira entre o erro e a solução menos feliz é muito tênue - um fio de navalha. Para uma crítica procedente e eficaz, tenho a impressão que outro tradutor é a pessoa mais indicada. Porque é um colega de ofício, sabe as dificuldades desse ofício. Posso falar isso de alma livre porque recentemente traduzi um livro bastante difícil e na semana passada saiu uma crítica à minha tradução apontando erros, etc. Alguns não eram erros, mas visões errôneas do crítico. Em outros casos, ele tinha toda razão e eu me envergonhei profundamente. Costumo dizer que a doença profissional do tradutor é o chamado "Complexo de Judas" - ele sempre acha que traiu. Há sempre uma consciência culpada por parte do tradutor, ele sempre acha que poderia ter feito melhor se tivesse tido mais tempo. Por isso acho que essa tarefa exige humildade e capacidade de aceitar crítica.

P.V. - Acho que como em todo lugar o nível varia. Há traduções boas e ruins. Acho que o nível tem melhorado.

Antigamente o tradutor era alguém que gostava de literatura, assim como eu. Os poetas, escritores, às vezes, traduziam. Traduziam aquilo de que gostavam. Por exemplo, Machado de Assis traduziu "O Corvo" de Edgar Allan Poe de que, provavelmente

te, ele gostava muito. Ele não fazia isto sistematicamente.

As traduções, de um modo geral, refletiam muito aquilo que o escritor era. Às vezes, quando lemos um texto de Castro Alves traduzindo Byron, o texto soa muito mais como Castro Alves do que como Byron.

As traduções, de um modo geral, refletiam muito a formação, o temperamento, o modo de ser dos tradutores.

Acredito que neste século, principalmente depois da fase modernista, as pessoas foram tornando uma consciência maior, por exemplo, do desenvolvimento da lingüística. E mesmo aquelas que como eu se mantiveram fora desses estudos especializados, sentem alguns reflexos. Já há um ponto de vista, um posicionamento mais profissional, então, não só a qualidade média das traduções literárias tem melhorado como também a quantidade tem crescido. Tem havido até um maior interesse por poesia, por parte dos editores, o que é uma coisa surpreendente.

H.C. - Raras atingem o patamar daquilo que chamo transcrição. A maioria delas sequer se propõe esse objetivo, reverenciando o dogma do caráter "ancilar" e mesmo "servil" do trabalho do tradutor. Estou falando, é claro, da tradução de poesia. Consulte-se o que escrevi a propósito desse dogma em "Transluciferação mefistofáustica" (Deus e o Diabo no FAUSTO de Goethe, Perspectiva, 1981).

4 - O QUE CONSIDERA UMA TRADIÇÃO DE BOA QUALIDADE?

J.P.P. - É aquela tradução cuja aproximação do original, portanto, do significado conceitual das palavras, do significado formal das palavras, é a maior possível. É de novo a noção de proximidade. Uma das falácias, um dos erros de interpretação bastante corrente é que uma tradução deve ser lida como se fosse o original escrito naquela língua: "fulano de tal traduziu cicrano", como se cicrano tivesse escrito naquela língua, ou seja, não se percebe que é uma tradução. Acho essa concepção muito errônea, porque uma das funções da tradução é mostrar que as línguas têm muitas coisas equivalentes, ou próximas, mas também, fundamentalmente, muitas coisas diferentes. Portanto, o texto bem traduzido é aquele que o leitor sente que está escrito na sua língua, que é fluente, e que é uma língua literariamente convincente e eficaz. E que ao mesmo tempo tenha algo que demonstre que aquilo não é um texto escrito originariamente na sua língua. Ou seja, que o leitor tenha a sensação de familiaridade, mas ao mesmo tempo de estranheza. Por exemplo, se um texto em inglês fala em milhas, por que traduzir essa medida em quilômetros? Isso é um exemplo grosseiro, mas há coisas mais sutis em que uma tradução bem lograda consegue, sendo vernácula, mostrar que há algo de estranho nesse vernáculo.

Não se traduz de uma língua para outra, mas de uma língua-cultura para outra língua-cultura. Então, na medida em que a tradução é eficaz, competente, ela traz em si um pouco da especificidade dessa língua-cultura que é diferente da sua. E isto sem trair o gênio da sua própria língua. A tradução é, no fundo, andar sobre o

fio da navalha torando o máximo cuidado para não cortar o pé nem do autor nem do tradutor, porque na verdade o tradutor caminha sobre um pé seu e outro do autor.

P.V. - Como eu disse no início, a tradução é uma recriação, ela procura reproduzir as características do texto original, mas ela nunca as reproduz exatamente. Sempre há uma perda ou sempre há um ganho. A tradução por melhor que seja, não é o texto original. Esse é um só, é único e é único porque o autor resolveu que aquela é a forma final. O tradutor está tentando uma aproximação, como uma espécie de interpretação, ao texto original. Eu mesmo fiz várias versões do mesmo poema traduzido, às vezes a primeira versão não me satisfaz e eu faço outra e depois outra, etc. Há poemas que traduzi que podem ser encontrados em várias formas, e às vezes nem eu sei se a última versão é realmente a melhor. Algumas vezes, a pessoa descobre algumas coisas no texto original que não tinha percebido antes. Então é preciso reformular a tradução. O problema é que você tem que pegar as suas palavras, os seus tijolinhos e montar a casa e às vezes isso não é possível, os tijolinhos simplesmente não se encaixam. Às vezes você tem que deixar a coisa distante, imperfeita com a plena consciência de que está imperfeita, por uma questão de deficiência da língua, que é o instrumento que, se usa, ou por uma questão de deficiência da sensibilidade que é a força que reúne os elementos.

A melhor tradução é a que mais se aproxima das qualidades do original, é essa a resposta.

H.C. - No que respeita a poesia (a obra de arte verbal), a boa tradução é aquela que aspira a trans-criação. Na avaliação do resultado se coloca, desde logo, uma "questão de grau". Pois, como escrevi no texto mencionado na resposta à pergunta anterior, "a consciência transcriadora pode incidir, em graus diversos, numa prática do traduzir não regulada por essa idéia radical". Por outro lado, há a considerar o caso das traduções que preenchem uma função "pedagógica" ou "mediadora", úteis e respeitáveis, sobretudo quando incluídas em edições bilíngües, mas que não podem ser tratadas como produtos estéticos. O que ocorre, mais comumente, são traduções "medianas", que guardam apenas alguns aspectos mais óbvios da "função poética" (um esforço de versificação, um empenho de rima terminal), sem entrar na essência da "transcriação" (daquilo que W. Benjamin definia por tradução enquanto "forma" dotada de especificidade, Urndichtung, "transpoetização"). Às vezes, o tradutor "mediante" poderá obter um achado feliz, que o aproxime, em algum momento, em determinada medida, ainda que involuntariamente, dos objetivos da tradução recriadora. Cabe à didática da tradução identificar esses graus. Como diz Hugh Kenner, comparando as traduções de poesia chinesa de Ezra Pound com as do sinólogo (e razoável poeta) Arthur Waley: "Nos círculos sinológicos, as incursões de Pound no chinês despertam apenas um esgar de desdém... Por outro lado, as pessoas sensíveis às belezas sutis do verso poundiano não podem tomar a sério a técnica poética de erro e acerto do Sr. Waley... "Do mesmo modo, quaisquer que sejam os méritos da tradução de Dante pelo eminente filólogo Vossler,

cujos propósito era "reproduzir, simples e objetivamente, o conteúdo do poema", ninguém atento à evolução de formas na poesia alemã poderá confundir-la, em termos de resultado esteticamente avaliável, com a "transfusão" (Urguss) de excertos do poema dantesco, levada a efeito pelo poeta Stefan George, com um virtuosismo de linguagem capaz de responder ao "som" e ao "movimento" do original. Quem se propõe ensinar tradução deve saber discriminar esses aspectos e discutir-os criticamente com os alunos.

5- COMO FORMAR BONS TRADUTORES?

J.P.P. - Não sou professor, apenas orientei uma oficina de tradução. A tradução é uma arte, não uma ciência, e a arte só se aprende fazendo. Como tradutor, e não como professor, acho que o método mais eficaz de ensino da tradução é o método da oficina- como se fazia antigamente para qualquer ofício. Tudo aquilo que é arte se aprende fundamentalmente por imitação, não no sentido de se fazer exatamente o que o outro faz, mas de se fazer dentro das próprias possibilidades aquilo que o outro faz. Como o ensino da pintura era feito antigamente: o rapaz entrava no atelier de pintura como aprendiz do pintor e começava imitando o mestre. Mais tarde, ele desenvolvia seu estilo próprio. A tradução é mais ou menos assim. Um tradutor mais experiente corrige aquilo que lhe parece um erro, uma impropriedade de tradução no trabalho feito por um aprendiz, que mais tarde também vai se tornar um profissional competente e poderá fazer o mesmo em relação a outro aprendiz. A aprendizagem nada mais é do que uma corrida de revezamento entre gerações - vai se passando o bastão. E é muito triste eu estar dizendo isso porque já sou um senhor de idade e vou passar o bastão para o meu sucessor. (risos).

P.V. - A tradução é uma atividade multifacetada. Há vários tipos de tradução. Acho que o bom tradutor é aquele que, se for um tradutor técnico, é capaz de transmitir o sentido do texto original com a maior fidelidade possível, mas se for um tradutor literário, é capaz de transmitir a carga emotiva e os significados do texto original também com a maior fidelidade possível ao conjunto.

H.C. - Só posso falar da tradução de poesia. Propus, no ensaio de 62 incluído em Metalinguagem, a constituição de um "laboratório de textos", com a participação de poetas e linguistas. Eu mesmo, desde 1975, dei cursos, no âmbito da pós-graduação, sobre "Poética da Tradução", nos quais me ocupei, em nível teórico (em discussões de seminário), com a "metafísica" e a "física" do traduzir, procurando sempre passar ao nível prático da análise comparativa e mesmo da produção (às vezes em equipe) de modelos experimentais de tradução poética. Agora, para traduzir eficientemente poesia, é quase um pré-requisito ser poeta, ou pelo menos, estar profundamente sintonizado com a linguagem poética do seu tempo e com as tradições (a evolução de formas) de sua literatura e das literaturas às quais se dedica (num sentido

goethiano de Weltliteratur e "afinidade eletiva"...).

6- O QUE RECOMENDARIA PARA O TRADUTOR INICIANTE?

J.P.P. - Coragem e persistência.

P.V. - Depende do objetivo que a pessoa tem quanto a área em que vai atuar. A pessoa tanto pode querer saber técnicas de tradução para ensinar, quanto saber técnicas de tradução para praticar nas mais diversas áreas possíveis. Ter um bom dicionário técnico, se for o caso de tradução técnica, e procurar se especializar em determinados setores.

Acho que independentemente da área onde se atue, é sempre bom um pouco de prática com a tradução literária porque ela exige não só um conhecimento do sentido primeiro, ou superficial das palavras, mas também uma sensibilidade muito grande quanto ao peso emocional de cada palavra. Há palavras que estão cheias de sentido, elas têm várias conotações, é preciso senti-las. Isso só se adquire com a prática, com o conhecimento de textos literários. Como diziam antigamente que os sonetos eram o serviço militar do poeta, acho que a tradução literária (e até mesmo a poesia) é o serviço militar do tradutor.

Sempre cito este exemplo que aconteceu comigo. Recebi uma carta de um amigo dizendo: "Ron bought a car". Passou um tempo e recebi uma carta do próprio Ron dizendo: "I have purchased an automobile". As duas sentenças dizem a mesma coisa, mas o tom é bastante diferente. O tradutor não pode traduzir as duas da mesma forma.

Se o tradutor desejar se especializar em algum setor, então é apenas um trabalho mais ou menos técnico, não menos importante.

H.C. - Se se quise dedicar à tradução poética, será decisivo que considere o exemplo paradigmático de Ezra Pound, que, segundo expressão de George Steiner, está para a tradução de poesia em nosso tempo como o cubismo para o pintor moderno. Ler, no plano teórico, os textos básicos de W. Benjamin e de R. Jakobson. Mas, sobretudo: ler, o mais que possa, a poesia dos "inventores" e dos "mestres" das várias épocas e literaturas. Estudar, ecumenicamente, quantas línguas o fascinem... A linguagem - dizia Emerson - "é poesia fóssil"... "A mais morta das palavras foi algum dia uma figura brilhante"...

7- COMO ESTÁ A SITUAÇÃO DO PROFISSIONAL NO MERCADO DE TRABALHO NO BRASIL?

J.P.P. - Monteiro Lobato - que passou boa parte da vida traduzindo - já se queixava do descaso em relação ao trabalho do tradutor. Veja, por exemplo, o desinteresse das embaixadas estrangeiras pelo trabalho dos tradutores. É muito mais fácil se conseguir uma bolsa de estudos para se fazer uma tese acerca de um autor estrangeiro (tese que será, no melhor dos casos, uma espécie de guisado, de apanhado do

que já se disse a respeito desse autor) do que conseguir ajuda de custo para traduzir uma obra fundamental. Essa tese vai ficar esquecida numa biblioteca de faculdade, e provavelmente não vai alterar a apreciação do autor porque ele já foi objeto de estudo em sua própria pátria. Enquanto o trabalho do tradutor é de utilidade imediata.

A situação econômica do tradutor é muito precária. Acho que seria elementar os tradutores receberem apoio das embaixadas, dos serviços culturais dos países estrangeiros de cujas línguas ele traduz. Uma das lutas que temos na União Brasileira de Escritores (já que, infelizmente, a Associação Brasileira de Tradutores não prosperou aqui em São Paulo) é no sentido de melhorar o reconhecimento profissional do tradutor, e a forma ideal de conseguir isso seria através de uma participação nos direitos autorais da obra. Já sugeri, num artigo para o jornal da UBE, que o governo devia tomar uma providência na questão da aprovação dos contratos de direitos autorais, isto é, que se reservasse pelo menos uma parte desses direitos - 20% - para o tradutor.

Apesar de que essa questão é curiosa, como tudo no mundo é paradoxal, as obras que dão lucro para os editores são os chamados "best-sellers", literatura interessante, mas de segunda categoria do ponto de vista literário. Traduzir essas obras envolve uma responsabilidade bem menor do tradutor do que traduzir, por exemplo, Willian Faulkner, Suskind, etc. Entretanto, os livros que mais vendem são os best-sellers, de modo que seus tradutores seriam os mais bem remunerados com esse sistema do que os tradutores daquelas obras bem mais difíceis, mas que interessam a um público menor.

P.V. - O mercado de trabalho é muito diversificado. Há tradutores, por exemplo, que se bons e confiáveis, recebem uma quantia boa (em torno de Cz\$ 700,00 ou Cz\$ 800,00 por uma página de 20 linhas), muitos deles vivem disso. O tradutor literário precisa conhecer mais a língua, é o tradutor que mais dá de si e é o que menos recebe, porque até hoje, a tradução literária é considerada no Brasil como uma espécie de passatempo, como de fato é. Não é qualquer um que pode fazer, é só quem realmente tem algum dom, é uma coisa que vem naturalmente. Muita gente se aproveita disso, os editores em geral costumam pagar muito pouco para os autores. Um autor geralmente ganha 10% sobre o preço de capa, é como na lavoura: o produtor é que tem os ganhos, depois vem o intermediário e o atravessador é que vai ficar com o grosso. O livreiro, em geral, ganha de 55% a 60% em qualquer livro, o editor fica com os 30% e o autor com 10%. Normalmente, tenho exigido das editoras com quem trabalho, que me paguem como se fosse autor. É pouco, só 10%. Mas, às vezes, há autores estrangeiros que são recentes, e as editoras tem que pagar copyright - direitos autorais - (de 8% a 10%) aos herdeiros ou agência responsável dos autores. Isso, de certa forma, reduz o lucro das editoras. O editor, então, procura jogar essa dificuldade para o tradutor. Nesse caso, cabe ao tradutor decidir.

H.C. - Não tenho condições de responder. Não sou tradutor profissional. Dedico-me, como poeta, à tradução dos poetas que me interessam. Isto não quer dizer que não respeite profundamente a atividade do tradutor profissional, do tradutor-intérprete, enfim, do tradutor no sentido lato da expressão, que cumpre uma função civilizatória altamente relevante e que deve ser adequadamente remunerado.

8 - ATÉ QUE PONTO O TRADUTOR É AUTOR DO QUE TRADUZ? QUAIS AS IMPLICAÇÕES SOCIAIS/CULTURAIS DA TRADUÇÃO?

J.P.P. - Ele não é autor, mas um co-autor - um pequeno co-autor. Digamos que, se fosse uma sociedade, ele teria 10%, enquanto o sócio majoritário, o autor, teria 90%. Traduzi Cavasco, por exemplo, que escreveu 154 poemas durante toda sua vida. Morreu aos setenta anos. Portanto, levou praticamente cinquenta anos para escrever 154 poemas dos quais eu traduzi 73. Demorei três anos para traduzi-los. O que são esses três anos comparados com os cinquenta que ele levou para escrever toda sua obra? E o que é minha tradução senão um fantasma muito pálido perto da carnadura rígida e rica dos poemas dele? O tradutor é uma espécie de fantasma do castelo...

As implicações culturais e sociais da tradução são fundamentais. Ela é o melhor remédio contra a burrice, contra o chauvinismo, contra o provincianismo, contra a basófia, porque coloca ao alcance de todos o que melhor se fez. Acho que a tradução é o maior dos serviços sociais. Ela coloca ao nosso alcance a riqueza do mundo.

P.V. - Em nenhum caso, o tradutor é autor do que traduz, a menos que ele jogue o texto original às urtigas e faça uma coisa qualquer da cabeça dele. Acho que o tradutor é uma espécie de autor mas não um autor isolado, ele é um co-autor, quer dizer, é como se escrevesse junto com o verdadeiro autor. É como se o autor desse o mapa da mina e o tradutor fosse explorar. Isso não diminui a função do tradutor, pelo contrário.

H.C. - Já escrevi que a tradução literária pode ser considerada o capítulo por excelência da Teoria da Literatura, pela dimensão de historicidade, de crítica e de "transculturização" que nela está implícita. Quanto às relações tradutor/autor, respondo com Novalis: o tradutor, para ele (o verdadeiro "tradutor-transformador") deveria ser "der Dichter des Dichters", ou seja, "o poeta do poeta"...

9- FALE UM POUCO SOBRE SEU PROCESSO DE TRADUÇÃO.

J.P.P. - O ideal em primeiro lugar é, evidentemente, que o tradutor traduza um texto de que goste. Em segundo lugar, uma obra que conheça bem. É claro que esses dois ideais nem sempre podem ser atingidos. De qualquer maneira, precisa ser uma obra pela qual o tradutor se interesse, caso contrário o trabalho tradutório

se torna uma verdadeira penalidade.

Quando o tradutor assume determinada tarefa, tem por obrigação profissional procurar desempenhá-la tão corretamente quanto possível. Mesmo por uma questão de honestidade consigo próprio, o tradutor não vai fazer um mau trabalho. E também por uma questão de respeito ao autor: quando se assume o compromisso de se traduzir determinada obra, é como se se estivesse colocando no lugar do autor. O tradutor estaria traindo sua própria criatura, mesmo que no caso da tradução, não se trata de um filho natural, mas adotivo...

A tradução é um risco muito grande. É preciso assumir a responsabilidade do que é feito. Quando se assume com um editor o compromisso de se traduzir determinado livro e se chaga numa determinada frase onde não se consegue encontrar uma solução adequada, não se pode eliminar a frase. Vai ser preciso encontrar uma solução. Se essa for feliz ou não, muitas vezes é uma questão de sorte, mas é necessário assumir o risco.

P.V. - Esta pergunta já está respondida na primeira quando falei sobre a questão da recriação. Poderia, é claro, me aprofundar no assunto mas, de certa forma, os macetes que uso estão num artigo que eu fiz, "A Tradução de Poesia em Língua Inglesa - Problemas e Sugestões". (Da "Trad. e Comun.", São Paulo, nº 2 - 97-108, mar, 1983).

H.C. - A resposta a esta questão já está implícita naquilo que disse a propósito dos quesitos anteriores. Melhor do que eu, responder por mim as traduções que tenho realizado no curso de quase três décadas, de Pound e Joyce e Mallarmé, Dante e Goethe. De "haicais" japoneses à poesia clássica chinesa. Da poesia russa moderna à poesia hebraica bíblica, minha última paixão, à qual estou, nestes últimos anos, fascinadamente dedicado....